Corpo-carne

carne que vive, que olha, que sente

CORPO
CARNE

corpo inanimado, sem vida, mas que ocupa e incomoda

Leticia Gabriel
(UERJ)
2023

CARNE

QUE SANGRA

Corpo, com ou sem vida, algo tão frágil, belo, tão comum mas capaz de trazer repulsa. Carne, advinda do corpo, tão presente mas tão incômoda, censurável, intragável.

Tamanho seu impacto que se torna ofensa.

O corpo enquanto objeto artístico se desdobra de diversas formas, mas pouco se explora e discute acerca do interno; não aquele que acessamos ao fechar os olhos pro mundo, mas aquele que sustenta o corpo, que sente, que pulsa, que necrosa, apodrece e deixa de existir. A carne sendo algo tão pessoal, ainda é repleta de estigma quando trazida para um outro ponto de vista senão o habitual. Como pode algo tão próximo e tão íntimo ser tão grotesco e gerar repulsa? É demais para o esteticamente belo no âmbito artístico. Gera repulsa, é grotesco, é antinatural.

A carne humana é estigma.
O corpo é estigma.

Pensando em trabalhar num apanhado de obras que façam críticas e que explorem o incômodo e o grotesco visceral e da carne, trago como referência algumas obras dos artistas Artur Barrio, Adriana Varejão e Fábio Magalhães.

Artur Barrio

Artur Alípio Barrio de Sousa Lopes (Porto, Portugal, 1945) é artista multimídia, pintor e desenhista. Em 1955 passa a viver no Rio de Janeiro, iniciando seus estudos em pintura em 1965. Em 67 passa a frequentar a Escola Nacional de Belas Artes. Seus trabalhos costumam causar grande impacto por conta de suas materialidades orgânicas: lixo, papel higiênico, detritos humanos e carne.

Em 1969 escreve um manifesto contestando as categorias tradicionais de arte e sua relação com o mercado de arte e a relação social e política na América Latina.

As obras de Artur Barrio chamam a atenção por conterem, em sua maioria, materialidades provocativas, como carne bovina, dejetos, materiais orgânicos. A fim de realizar críticas em suas obras, é fascinante a maneira a qual ele seleciona as materialidades para realizá-las. Não se trata, aqui, de custo ou acessibilidade, mas pura intencionalidade.

Penso na possibilidade de trazer vida ao revestir o corpo inanimado com o tecido, e também de dar um outro significado ao tecido, ressignificando sua função no mundo. Sua provocação permanece.

A cancela de carne, 1994

Cancela recoberta com carne de boi

Trouxas ensanguentadas, 1970

Tinta acrílica sobre tecido e corda

30 x 40 x 30 cm

11 3/4 x 15 3/4 x 11 3/4 in

Livro de carne, 1978-1979

30 x 45 cm

Adriana Varejão

Adriana Varejão (Rio de Janeiro, 1964) é pintora, e começou sua carreira cedo, nos anos 80. Frequentou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. As temáticas de suas obras remetem a algo visceral, vivo, interno. Traz, também, uma inspiração das igrejas barrocas e sua azulejaria, e, posteriormente, traz referências à história do Brasil.

Trazendo muitas referências do estilo barroco pras suas obras, Adriana Varejão nos remete a um corpo não-humano repleto de sensibilidade. Uma estrutura frágil e que nos causa confusão e desconforto imediato ao entrar em contato.

Há algo de muito visceral e pulsante em suas obras que a tornam vivas, causam dor e reflexões particulares. O interior do inanimado traz consigo as características do que dá sentido ao corpo pulsante.

Azulejaria Verde em Carne Viva, 2000

óleo sobre tela e poliuretano em suporte de madeira e alumínio

220 x 290 x 70 cm

Extirpação do Mal por Incisura, 1994

óleo sobre tela e objetos

265 x 320 x 180 cm / 220 x 190 cm (tela)

100 x 185 x 50 cm (maca)

Varejão Acadêmico - Heróis, 1997

óleo sobre tela

140 x 160 cm

Ruína Modernista II, 2018

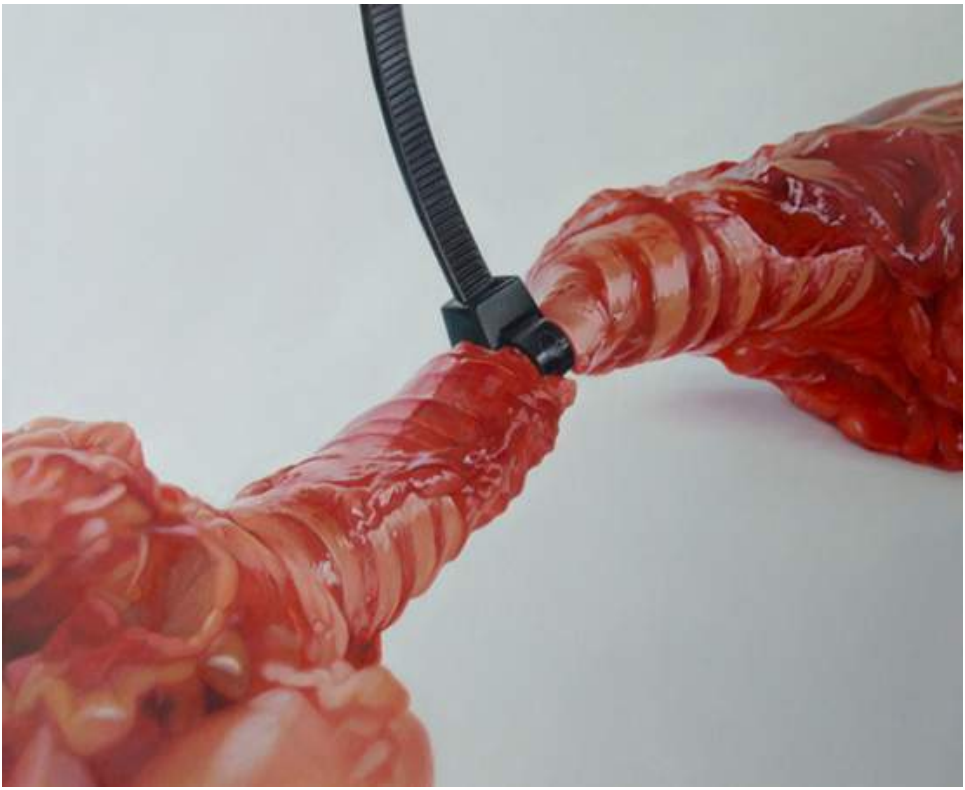
óleo sobre alumínio e poliuretano

Fábio Magalhães

Fábio Magalhães é pintor, vive e trabalha em Salvador, BA. Seus trabalhos são desenvolvidos a partir de metáforas: pulsões, condições psíquicas, substratos de imaginário pessoal até chegar nas condições de corpo/imagem. O artista representa através de suas pinturas encenações meticulosamente planejadas.

A explicitude das obras de Fábio Magalhães são surpreendentes. A representação de um "eu interior" intenso, tão limpo, reluzente e pulsante em suas pinturas nos remetem a uma elegância peculiar.

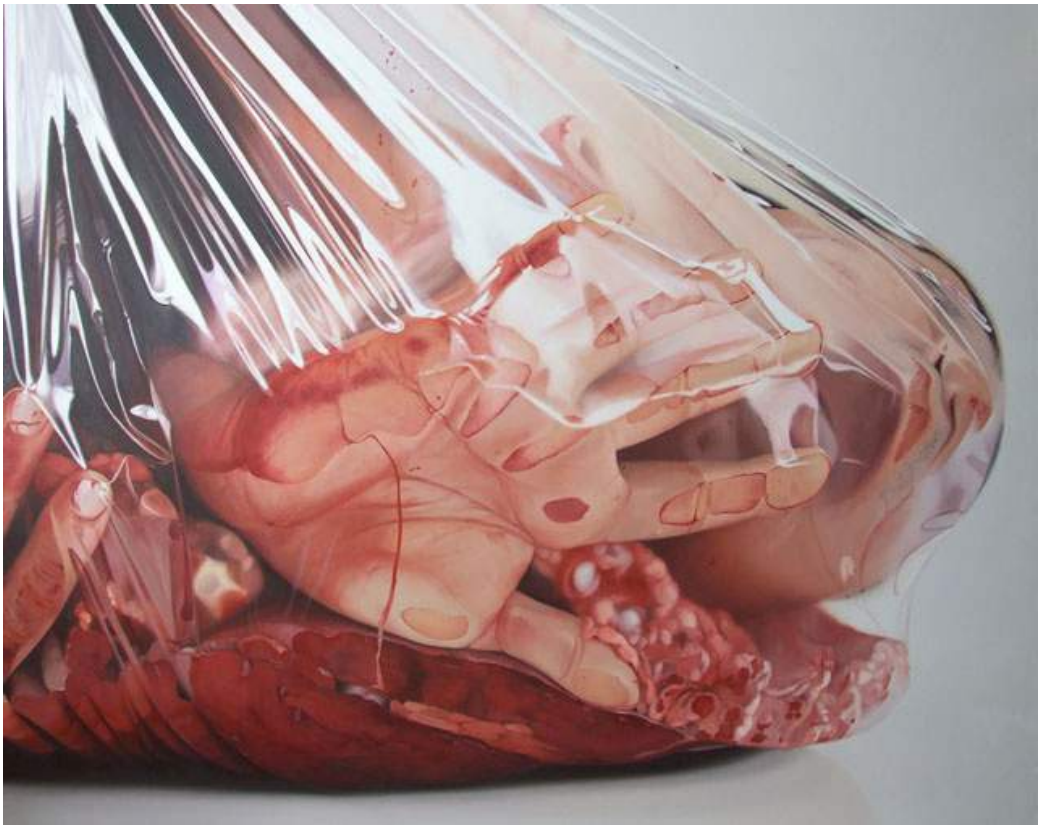
A carne aqui entra e é representada de forma pura e corajosa, um desabafo sobre o que o corpo humano é capaz de carregar e o quão frágil pode ser.



Sem título da série "Retratos Íntimos", 2012

óleo sobre tela

100×130 cm, coleção particular



“Trouxas II (Alusivo ao Artur Barrio)”, 2013

óleo sobre tela

190×250 cm, coleção particular

Sem título, da série "Retratos Íntimos", 2013

óleo sobre tela

150×150 cm

Sem título, da série "Retratos Íntimos", 2013

óleo sobre tela

150×190 cm

Biografia

Letícia Gabriel (Duque de Caxias, RJ) é artista visual, desenhista e futura arte-educadora. Explora temáticas como cinema trash, arte grotesca/gore, e discussões envolvendo estética, imagem e beleza.